



## **O PORTA-VOZ DA CATÁSTROFE:**

### **ENTREVISTA COM ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA**

Eliézer Cardoso de Oliveira, professor da Universidade Estadual de Goiás, com mestrado em História (UFG) e doutorado em Sociologia (UnB), coordenador do Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, é um intelectual e pesquisador corajoso. Em seu livro “Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades”, ele abordou temas controversos, como o acidente radiológico em Goiânia e a cheia do Rio Vermelho que devastou a Cidade de Goiás em 2001, logo após ter sido elevada a condição de Patrimônio da Humanidade. Sem dar margem a proselitismo, escreveu um livro didático sobre a História do Distrito Federal, em parceria com o professor Cristiano Alencar Arrais (UFG), onde a celebrada figura de “herói fundador” de Juscelino Kubistchek é posta em perspectiva. Coordena um grupo de pesquisa focado na controversa obra de Gilberto Freyre. Estuda a inusitada biografia de um policial dos tempos da Velha República, o valente Catulino, que participou da Chacina do Duro, colocou o coronel Abílio Wolney no tronco, prendeu Pedro Ludovico, lutou contra os fanáticos de Santa Dica e rolou no chão em uma briga com o célebre juiz Celso Calmon.

**ADEMIR LUIZ: Recentemente, o senhor lançou um livro onde analisa a estética da catástrofe. Na orelha do volume lemos que “as catástrofes produzem morte, sofrimento e dor. Mas o que quase ninguém percebe é que elas também produzem beleza estética e são fontes de riso”. Como é possível?**

**ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA:** Desde que o campo da estética se emancipou do campo religioso, o olhar estético tornou-se uma das maneiras mais sofisticadas de os humanos lerem o mundo em que vivem. E como as catástrofes são mega-eventos, é



perfeitamente natural que elas se tornem objeto da criação estética. Isso é mais comum do que se imagina e existem vários exemplos. Na pintura, são muito conhecidas as gravuras de Goya sobre a tragédia da invasão napoleônica na Espanha, o *Guernica* de Picasso, retratando criticamente a Guerra Civil Espanhola, os quadros de Portinari sobre a seca nordestina e os quadros de Siron Franco sobre o Césio. Na literatura, o conjunto de obras é ainda mais amplo: *Diário do Ano da Peste*, do inglês Daniel Defoe, o *Decameron*, de Boccaccio, *A Peste*, de Camus, são exemplos de obras que retratam tragédias epidêmicas. Em Goiás, a obra mais conhecida do Bernardo Élis, *O Tronco*, tem como tema uma das mais famosas tragédias do então Norte goiano. Portanto, a estética sente-se bem à vontade em retratar catástrofes e tragédias.

**AL: Em seu livro, o senhor utiliza uma vasta gama de documentos para estabelecer sua tese: literatura, música, cinema, pinturas, fotografia etc. Algumas das obras foram criadas por artistas reconhecidos, como Miguel Jorge e Siron Franco, enquanto outras são produtos de entretenimento ou mesmo amadoras. É possível pensar em uma estética erudita da tragédia em contraponto a uma popular ou mesmo pop?**

ECO: Com certeza! O erudito e o popular são produções esteticamente diferenciadas, não importando se o tema é a “catástrofe” ou o “amor”. Nesse sentido, as diferenças estéticas entre, por exemplo, o romance *A menina que comeu Césio*, livro do jornalista Fernando Pinto, escrito ainda no calor dos acontecimentos de setembro de 1987, e o romance de Miguel Jorge, *Pão cozido debaixo de brasa*, publicado dez anos depois, são imensas. Do mesmo modo, existe uma complexidade muito maior nas obras de Siron Franco sobre o Césio do que nas obras dos ex-votos sobre uma tragédia pessoal ou coletiva. No entanto, essas diferenças estéticas não foram importantes para o meu propósito investigativo. O que eu pretendia era analisar as produções estéticas como documento cultural de um acontecimento histórico relevante – as catástrofes e tragédias. Então, eu, talvez irresponsavelmente, unifiquei sobre o conceito de “estética da catástrofe” o erudito e o popular. Procurei analisar, observar o que as obras artísticas



sobre catástrofes possuíam em comum. Descobri que elas utilizam uma categoria estética específica: o sublime. O sublime expressa as nossas sensações diante daquilo que é, ao mesmo tempo fascinante e aterrorizante. Um exemplo clássico é o do raio numa tempestade: belo, intenso, mortal. Portanto, transformar o trágico em arte é necessário concebê-lo, não meramente como feio ou repugnante, mas como sublime.

**AL: O capítulo 9 chama-se “Humor-catástrofe: rindo da desgraça alheia”. Em tempos de patrulhamento politicamente correto, como pensar a estética da tragédia aplicada ao humor? O senhor considera que o humor já foi mais, digamos, catastrófico?**

ECO: Toda catástrofe produz dor, sofrimento, choro e... piadas! Nos meses imediatamente posteriores ao Acidente Radiológico de Goiânia circulou, principalmente em Brasília, a seguinte piada: “como se faz para identificar um goiano? É só apagar a luz, se brilhar, é!”. A questão é que, para muitos, rir da desgraça dos outros não é correto e o humor-catástrofe seria um tanto herético e irresponsável. Na verdade, eu não procurei desvendar a questão transcendental: “o humor-catástrofe deve ou não existir?”. Pelo contrário, parti do pressuposto de que ele existe e, portanto, pode e deve ser objeto das ciências humanas. Colocar o humor dentro da gaiola do politicamente correto não é bom nem para o humor, nem para a sociedade. No início do Absolutismo europeu, os bobos da corte possuíam carta branca para fazer piadas de todo o mundo. Ele era um instrumento político muito importante para o rei, que, cercado por bajuladores, precisava ouvir certas verdades. Quando se restringiu o trabalho do bobo, o Absolutismo começou a declinar e muitos monarcas literalmente perderam a cabeça. O humor não é necessariamente negativo e improdutivo. Freud, por exemplo, considerava que o humor era uma ferramenta de libertação do controle social e poderia nos dar prazer, mesmo em situações bastante dramáticas, como no caso de uma situação de catástrofe. Nesse sentido, rir das catástrofes seria um meio de relaxar o espírito, exorcizar o medo e seguir em frente. A lição mais valiosa numa situação de catástrofe foi dada pelo Sebastião José de Carvalho e Melo (o futuro Marquês de Pombal), que



diante tragédia do Terremoto de Lisboa, disse ao desesperado rei D. José: “devemos enterrar os mortos e alimentar os vivos!”. Entre as duas coisas, conseguir rir um pouco, não fará mal a ninguém.

**AL: A principal tragédia da história de Goiás foi o acidente radiológico com o Césio 137, na década de 1980. Embora, eventualmente, surjam alguns livros ou filmes enfocando o tema, ele é, relativamente, pouco abordado. Mesmo na academia não há muitos trabalhos. O seu é uma exceção. O senhor considera que é um tema tabu? Existe algum tipo de acobertamento? Ou simplesmente falta-lhe dramaticidade?**

ECO: As catástrofes em geral são um tema tabu. As metodologias científicas das ciências humanas foram, em sua maior parte, criadas a partir de referências iluministas. Por isso, incorporamos o otimismo racionalista de que o mundo caminha para o progresso político, o desenvolvimento econômico ou a evolução ética. As catástrofes seriam anomalias, acidentes, desvios do percurso original. Por isso, a ciência, diferente da arte, não se sente muito à vontade diante das catástrofes. É por esse motivo que a seca que atingiu o Nordeste brasileiro em 1915 e matou mais de 100 mil pessoas (o dobro dos brasileiros mortos na Guerra do Paraguai) e provocou a criação de uma espécie de campos de concentração para impedir que os esfomeados do sertão invadissem as cidades do litoral não aparece em nenhum livro didático. Se não fosse *O Quinze* de Rachel de Queiroz, talvez nem lembrássemos mais desta seca. Quanto ao Césio, não sei se meia dúzia de teses sobre ele significa que ele é pouco ou muito estudado. Acho um número até razoável, já que a possibilidade de abordagem não é ilimitada e temos que ter o cuidado de não ser repetitivos. Agora, esse acontecimento é cheio de dramaticidade cultural, não só porque envolve a energia nuclear – a grande novidade científica do século XX, mas por que aconteceu justamente na cidade de Goiânia, uma cidade criada para trazer desenvolvimento, progresso, tecnologia etc. Aí veio o Césio... é uma grande ironia. Por isso, simbolicamente, o acidente com Césio foi



a maior catástrofe de Goiás, não pelo número de mortos e os prejuízos materiais, mas sobretudo pelos danos simbólicos que causou a Goiás.

**AL: O senhor tem coordenado uma série de pesquisas sobre a obra de Gilberto Freyre. Numa delas o foco são as notas de rodapé da trilogia *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos e Ordem e Progresso*. Em termos gerais, o que o senhor identificou nelas?**

ECO: Sempre tive um grande desejo de analisar as obras de Freyre, porém faltava oportunidade duma abordagem que garantisse um viés original de pesquisa. Essa oportunidade surgiu quando percebi que existe uma parte substancial dos seus escritos que foi praticamente ignorada pelos analistas: as notas de rodapé. Freyre usou intensamente esse recurso discursivo. Em *Casa-Grande & Senzala*, por exemplo, enquanto o texto principal soma 350 páginas, as notas de rodapé perfazem um total de 124 páginas. Nesse sentido, as notas consistiam num material abundante e que, praticamente, foi ignorado pelos leitores críticos de Gilberto Freyre. Foi, então, utilizando as notas como referência principal que iniciei a pesquisa, abordando os seus três principais livros. O estudo de *Casa-Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos* já foi concluído; já o estudo sobre *Ordem e Progresso* deve ser concluído no final de 2012. Esses estudos serviram para mostrar que Freyre, além de ser um ensaísta genial, foi um pesquisador meticuloso e esforçado. Em *Sobrados e Mucambos*, por exemplo, ele utilizou 1273 referências, entre documentos e bibliografia de apoio. Poucos intelectuais no mundo demonstraram essa espantosa erudição em suas obras. O estilo coloquial e acessível da escrita de Freyre faz com que muitas pessoas o subestimassem como um pesquisador rigoroso. Mas ele o foi. Basta olhar a riqueza de suas referências empíricas e bibliográficas.

**AL: Gilberto Freyre foi um grande escritor e construiu uma obra extremamente original. Ele é, provavelmente, o intelectual brasileiro mais respeitado internacionalmente. Apesar disso, grande parte da esquerda brasileira o execra. Já houve campanhas, tanto em vida quanto após sua morte, para bani-lo de nosso**



**cenário intelectual. O que motivou essa reação tão belicosa a seu pensamento?  
Qual a importância de resgatá-lo?**

ECO: Acho que o repúdio à obra de Freyre pelos intelectuais de esquerda se explica pelo fato de ele não ser marxista e paulista. Marxista, porque todos os intelectuais de esquerda que se preze deveriam ser marxistas e questionar o *status quo*; paulista, porque foi de São Paulo, sobretudo da Escola Sociológica da USP, que partiram as críticas mais duras ao seu trabalho. Em *Casa-Grande, Sobrados e Ordem e Progresso*, Freyre cita praticamente todos os intelectuais brasileiros, inclusive os da esquerda marxista, como Caio Prado e Nelson Werneck Sodré. Porém, em nenhum momento aparece qualquer referência a Florestan Fernandes. É algo bem significativo a ausência de um dos maiores nomes das ciências sociais brasileiras. A mágoa de Freyre com Florestan foi grande, não simplesmente por suas críticas ao seu trabalho, mas, sobretudo, pelo fato de nunca ter sido convidado a lecionar na USP. Realmente, foi uma incoerência gigantesca: um intelectual respeitadíssimo no exterior, mas que não servia para trabalhar na principal universidade brasileira. Nesse sentido, a esquerda foi injusta e desleal com Freyre, não apenas por lhe recusar honrarias acadêmicas, mas também pela acidez de suas críticas. Caio Prado, por exemplo, escreveu, em “*Formação do Brasil Contemporâneo*”, trechos vergonhosos sobre o estágio cultural dos negros, ao chamá-los de “fermento corruptor da cultura branca” e outras coisas mais, mas isso é ignorado pelos críticos. Já Freyre, foi atacado, contestado e censurado impiedosamente por muito menos. Felizmente, atualmente, o reconhecimento intelectual de Freyre está sendo recuperado. É cada vez maior o número de intelectuais que se dedicam a estudá-lo. É cada vez maior o número de seus leitores. *Casa-Grande* já está na 48ª edição, enquanto *Formação do Brasil Contemporâneo* está na 22ª. É uma prova de que o pensamento de Freyre continua vivo e importante para se pensar a cultura brasileira.

**AL: O senhor escreveu em parceria com o professor Cristiano Alencar Arrais, da Universidade Federal de Goiás, o livro didático *História do Distrito Federal* para alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. O nome de Juscelino Kubistchek só**



**é citado uma ou duas vezes ao longo de todo o volume. Sair do tradicional enfoque do “herói fundador” é parte de sua perspectiva pedagógica?**

ECO: Na verdade, eu não tenho nada contra a existência dos hegelianos “heróis da história”. Parodiando Voltaire, eu diria que, se os heróis não existissem, eles precisariam ser inventados. Os livros didáticos estão cheios de heróis, que muitas vezes se transformam em vilões. Foi o caso, por exemplo, do Duque de Caxias, herói de uma concepção tradicional de História, tornou-se vilão, numa concepção crítica, sendo considerado até exageradamente um genocida da Guerra do Paraguai. Por outro lado, Zumbi de Palmares é o exemplo de um vilão que se tornou herói. O mesmo se deu com Tiradentes. Quanto à ausência de J.K no livro didático sobre o Distrito Federal, ela é explicada por pensarmos um tipo de História, baseada em temas histórico-sociológicos, nos quais a presença dos heróis não era relevante. Por isso, a presença de JK não foi enfatizada. Consideramos que havia questões históricas mais importantes para se pensar a História do DF do que os meandros políticos que levaram a construção da capital. Nesse sentido, uma das propostas do livro foi enfatizar que a região onde foi construída Brasília já era ocupada e possuía uma história. Isso parece trivial, mas quase todos os livros didáticos do DF iniciam a história do lugar com a construção de Brasília. A riqueza do passado indígena, colonial, escravocrata e rural da região é descartada ao lixo do esquecimento. Essa concepção é bastante nefasta, porque concebe Brasília como uma espécie de nave espacial que pousou no Planalto Central, uma cidade desvinculada de todas as tradições centenárias do lugar. E, para a consolidação da identidade cultural dos brasilienses, é necessário valorizar a riqueza histórica e natural do lugar. Senão, os candangos serão um povo sem identidade própria, sem história, sem tradições. Um povo que olha mais para o Rio de Janeiro, para os seus times de futebol e o seu jeito de vestir e falar, do que para a riqueza cultural e histórica do próprio Distrito Federal.

**AL: Na condição de escritor do gênero, qual sua opinião sobre a qualidade dos livros didáticos produzidos no Brasil? O que acha das recentes polêmicas acerca das denúncias de doutrinação ideológica que alguns deles conteriam?**



ECO: Fazer livro didático é uma empreitada difícil e arriscada. Difícil, porque deve ser uma tradução simplificada das diversas concepções de História produzida nas universidades. Daí, o jeitão de *Frankenstein* de muitos desses livros, constituindo-se numa junção mal costurada de várias tendências teóricas diversas. É arriscado, porque sempre vai faltar alguma coisa no livro didático. Por isso, é muito fácil criticá-los; difícil é produzi-los. Por outro lado, tendo consciência de que o livro didático não é imune as posições ideológicas de seus autores, acho que os autores devem ser moderados e evitar excessos ideológicos desnecessários. O livro *Nova História Crítica do Brasil*, de Mario Schmidt, afirma que a “Princesa Isabel era feia como a peste”, que o Conde D’Eu era um “gigolô imperial” e que o D. Pedro II era “esclerosado e babão”. Essas adjetivações são desnecessárias e prejudicam a recepção do que, em minha opinião, descontando estes excessos críticos, é um bom livro didático. No entanto, os excessos não são apenas da esquerda. O livro adotado por um colégio militar de São Paulo, *História do Brasil: Império e República*, (de Aldo Fernandes, Maurício Soares e Neide Annarumma), afirma que, em 1964, aconteceu uma “revolução democrática”, para moralizar a administração pública, e omite qualquer referência à tortura durante o Regime Militar. Nos dois casos, os excessos ideológicos devem ser contidos. E uma forma de contê-los é o “veto dos pares”, a leitura crítica de especialistas. Nesse sentido, acho bastante promissor a avaliação dos livros didáticos do PNLD. Descontando alguns erros pontuais, ele está alavancando a qualidade dos livros didáticos brasileiros.

**AL: O senhor apresentou recentemente os primeiros resultados de uma pesquisa que tem desenvolvido sobre um policial goiano do início do século XX, Catulino. Quem foi esse homem? Por que ele chamou sua atenção?**

ECO: Durante a minha pesquisa para a tese de doutorado, quando estava analisando algumas chacinas e tragédias, descobri que, grande parte dos acontecimentos importantes da década de 1920, contou com a participação de um policial chamado Catulino Antônio Viegas. Um deles foi a “Chacina do Duro” (1919), conflito entre a Polícia Goiana e os jagunços de coronel Wolney, que culminou na chacina de parentes e



amigos do coronel, presos em um tronco. Quem foi o policial que colocou as pessoas no tronco? Catulino. No chamado “Dia do Fogo”, quando a Força Policial de Goiás entrou em conflito com os seguidores de Santa Dica, quem foi o policial que liderou a tropa? Catulino. Na Revolução de 1930, quando, após uma tentativa de insurreição frustrada, Pedro Ludovico é preso em Rio Verde, quem foi o policial que o prendeu? Mais uma vez, Catulino. Fiquei intrigado. Quem era esse Catulino? Então fiz um projeto de pesquisa e, com a ajuda do Talliton Moura, bolsista de iniciação científica, começamos a investigar sua atuação, numa tentativa de construir um esboço de uma biografia. O que descobrimos, até agora, foi que ele nasceu em Mato Grosso e que, 1915, já com 28 anos de idade, ingressou na Força Policial de Goiás. Naquela época, a qualidade mais importante para ser um policial era a valentia. Mal aparelhada e reduzida, enfrentando a concorrência dos valentes e rudes jagunços dos coronéis, a Polícia procurava cooptar para suas fileiras, homens valentes e rudes. Catulino foi um desses homens, que foi galgando a hierarquia policial até se tornar um delegado de polícia. Estudar a vida de Catulino possibilita conhecer um pouco dos bastidores do poder da República Velha em Goiás, em que a valentia era um capital simbólico valioso e indispensável para a política. Portanto, numa época de homens valentes e destemidos, podemos afirmar que “valente mesmo era Catulino!”.

**AL: Catulino, mesmo não sendo membro de famílias tradicionais, conseguiu galgar degraus na hierarquia policial, indo de alferes a delegado. Como foi possível? É justo afirmar que sua ascensão se deveu apenas ao fato dele ter aceitado seu papel de “cão de guarda” do Governo, um tipo de Capitão Nascimento da Velha República? Ou seria mais justo chamá-lo de “homem que se fez por si mesmo”?**

ECO: Eu acredito que as características psicológicas e físicas de um indivíduo podem fazer diferença sobre a sua inserção dentro de uma determinada sociedade. No caso de Catulino, a sua valentia era algo bastante valorizado em Goiás da década de 1920 – era preciso ser valente para trabalhar, tanto como jagunço ou capanga dos coronéis, tanto



valente para trabalhar na polícia. Até os chefes políticos, que podiam fazer uso de uma “valentia terceirizada”, representavam-se como valentes – isso vale tanto para Totó Caiado e como para seu rival, Pedro Ludovico. Nos dias atuais, a sociedade prioriza outras qualidades individuais. Embora seja necessária uma dose de valentia para se permanecer na Polícia, ela já não é essencial como naquela época. Pelo contrário, o que se vê é o esforço da Polícia em restringir a entrada dos “catulinos” em seu meio. Hoje, para a Polícia, é mais importante o número, a tecnologia e a organização, do que a valentia individual. Os valentes mais atrapalham do que ajudam. No filme *Tropa de Elite*, isso ficou claro: a disciplina é mais importante do que a coragem. Desse modo, os “catulinos” de hoje, analfabetos, ignorantes, corajosos e valentes, não encontrarão espaço no serviço público. Talvez se tornem “soldados” do crime organizado ou um assassino independente, talvez canalizem a sua valentia para o esporte, talvez a domestique pela religião ou talvez trabalhe como servente de pedreiro e afogue a sua frustração no alcoolismo. O capital simbólico da valentia não é tão valorizado pela nossa geração do que foi pelas anteriores. Portanto, pode-se dizer que Catulino, dentro das possibilidades limitadas de escolhas de sua época, escolheu ser um “cachorro do governo” (expressão popular para designar os soldados da época), fazendo o que ele melhor sabia fazer: prender, bater e matar.

**AL: Recentemente, em outubro de 2012, a CAPES aprovou o mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, do qual o senhor é o coordenador. Como foi o processo de criação e desenvolvimento deste APCN?**

ECO: O grupo de professores (as) do curso de História de Anápolis tomou a iniciativa de elaboração de APCNs na área de História nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2011. Com o insucesso dessas propostas, neste ano o grupo resolveu elaborar um projeto de Mestrado Interdisciplinar em *Territórios e Expressões Culturais no Cerrado*. Procurou-se ampliar as perspectivas de análise, com enfoque no Cerrado, englobando diversas áreas do conhecimento: História, Geografia, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Sociologia, Teologia e Farmácia. Desse modo, o objetivo é propor um estudo do Cerrado a partir de categorias teórico-metodológicas das ciências humanas e das



Plurais

Virtual

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

---

ciências sociais aplicadas, que dê conta de suas particularidades históricas, ambientais, culturais e sociais. O mestrado possui duas linhas de pesquisas: Dinâmicas Territoriais no Cerrado e Saberes e Expressões Culturais no Cerrado. De modo bastante resumido, a primeira linha pretende desenvolver pesquisas que enfoquem a dinâmica social, ambiental, histórica, econômica e política no território do cerrado. Já a segunda linha de pesquisa visa estudar as manifestações culturais (festas, religiosidades, lazer, produções arquitetônicas e estéticas) e saberes (acadêmicos, populares, estéticos) típicos do domínio do Cerrado. Quanto à elaboração da proposta, a maior dificuldade foi fazer com que cada professor deixasse de focar nas suas pesquisas individuais e vislumbrasse uma perspectiva mais ampla: sair do “eu” em direção ao “nós”. Foram realizadas inúmeras reuniões, primeiramente para definir a temática geral e depois para fundamentar as linhas de pesquisa.

Por: Ademir Luiz da Silva, em outubro de 2012\*

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente do programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Pós-doutorando em Artes Visuais, sob a supervisão do professor doutor Edgar Silveira Franco, na UFG. Correio eletrônico: [ademir.hist@bol.com.br](mailto:ademir.hist@bol.com.br)